

REDACÇÃO PRINCIPAL  
AUGUSTO DE CARVALHO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
CÓPIA E SUBSCRIÇÃO

Anno..... 12000  
Primeiro..... 3000

NUMERO AVULSO 40 RS.

Assignatura paga adiantada, pôde começar em qualquer dia, mas termina sempre em fins de março, junho, sept. mto ou dezembro.

RESTITUEM-SE OS ARTIGOS NÃO PUBLICADOS

REDACÇÃO  
56 Rua do Rosario 56

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO

Rio, 14 de outubro de 1878.

Saiba mais o publico que, entre os passageiros que declararam já ter estado no Brazil, alguns são torna-viagens de terceira, quarta e quinta vez.

Além d'isso ha d'elles casados com brasileiras e cujos filhos também brasileiros, tem sido baptisados.

grantes da companhia Transatlantica.

Isto é a pouca vergonha, o descaio, o cynismo, a infamia substituindo a idea altamente civilizadora da colonização e imigração.

Ha pouco encontramos um italiano que seguia para uma cidade da provincia, onde tem negocio ambulante. Havia chegado da Italia e obtivera da inspeccão de terras publicas passagem gratuita até o lugar do seu domicilio. Casos identicos podiamos apontar ás dezenas.

Mas, como não ha de ser assim, se os advogados administrativos formigam para ali, sem o menor vislumbre de pudor e ainda menos de consciencia?

Quem os não conhece? Quem os não vê sempre trêz dentro e fóra das secretarias engendrando, encaminhando, apadrinhando as transpúblicas com cynismo igual, a não maior! ao d'aquellas mulheres que, á luz do dia, vendiam a pudicia nas praças publicas de Babylonia?!

E o que mais nos espanta é vel-os, não só locupletarem-se com os dinheiros do Estado, mas lograrem igualmente, pela vadiagem e trapagadas politicas, fazer-se eleger representantes da nação!

Representantes da nação, sancto Deus!

Quando voltarás, ó Christo? Não vês o tempo atulhado de torpes vendilhões?

Tal é no entanto o destino d'essa praga daminha de advogados administrativos!

Ha-os de todas as categorias: ex-empregados relapsos de algumas secretarias; intrusos sem nenhuma especie occupação decente; *eventuari* servente de bastidores sabidos e conhecidos; negociantes fallidos; empregados publicos; advogados; senadores; conselheiros, et reliqua!

E tudo isto come! E tudo isto engorda!

E tudo isto apodrece e empesta!

E queixamo-nos do Poder pessoal e pretendemos resguardar por um cordão sanitario esses focos ambulantes de pernicioso e insuportavel infecção moral!

*Disum teneatis, amici!*

## FOLHETIM

### PARNAZO MODERNO

I

JOANNA ADORMECIDA

(Victor Hugo)

Dorme!—Só amanhã seus olhos se abriram, Enche-lhe um dedo meu a pequenina mão. Temendo despertar a, eu leu com cuidado. Uns jornaes onde vejo o meu nome insultado. Um requer Charenton ao que lê os meus versos; Manda um outro queimar os meus livros per-versos.

Um co' pranto a inundar-lhe a palpebra anuviada. Diz á turba que passa: «oh! corri-o á pedrada! Os seus escriptos são charneças venenosas Onde torcem dragões as espiraes nervosas! » Apostolo do mal, inferno é onde existo. Uns chamam Satan, uns outros Antichristo, E temem de encontrar-me em algum sitio escuso. Dão-me a beber o fel e a cicuta!—Eu conduzo O povo á vil cubica, ao roubo os petroleiros, A d'struição o Louvre, á morte os prisioneiros. Purpura-me o rosto o clarão sanguinario Do incendio de Paris!—Assassino, incendiario E ambicioso, «u curto um negro humor sinistro, Por ver que o imperador me não quer para ministro!

Eu enveneno o povo, assassino-o!...

Assim

Pragueja sem cessar a turba em torno a mim, A vomitar a affronta, as injurias, o insulto! E a creancinha dorme;—e o seu tranquillo volto Sorri, como que diz: «Meu pae, seja clemente! » E a sua mão ape'ta a minha docemente.

CHRISTOVAO AYRES.

II

INTIMA

Um coração errante e devoluto. Espero no meu quarto de solteiro... Do meu relógio o tremulo ponteiro Acompanho minuto por minuto.

Se existe esse Poder, trabalhemos sim, mas para preservá-lo da prostituição integral que reina no nosso mundo politico.

Não sejamos, além de relaxados e desmoralizados, hypocritas ou comediantes!

O paiz do que mais carece é de verdades. E é esta uma d'ellas, em que pezo ao nosso orgulho nacional!

A companhia Transatlantica é, como todos sabem, bem acabado fructo de um dos damnados partos d'essa abominavel montanha de escandalos.

Desde o começo da sua existencia o thesouro transformou-se em paraizo, a politica fez das castellas dos partidos uma nova e mais seductora Eva e mandou-a á traição a todos os gabinetes, tentou o simplorio do Adão da agricultura.

E o pobre diabo deixa-se sempre engodado com esse maldito fructo!

E nem ao menos, como o de que rest a Biblia, é expulso d'esse moderno e mais completo eden de delicias!

Tempora mutantur!

Passemos agora a demonstrar a razão das glosas feitas em virtude do não apparecimento dos individuos arrolados nas listas da companhia.

Neste ponto limitamo-nos a transcrever o que já em tempo dissemos, constando a ingenuidade da gente da Transatlantica.

E' o que se lê no *Diario* de 30 de maio do corrente anno:

Das listas constavam igualmente nomes de emigrantes em transitio para S. Paulo; porém quasi sempre se verificou que taes sujeitos eram apenas *nominados*. Portanto, dado o caso da visita por algum empregado *lapaz*, glosa!

Vem agora a companhia e diz com uma ingenuidade que nos transporta aos tempos patriarchaes: «... deixavam muitos *fundamente* de responder á chamada (feita pelos nomes, já se vê), por isso que, não tendo de des-embargar aqui, entendiam que se não tractava d'elles.

Orá esta não lembraria de certo nem mesmo a um frade... de pedra!

E basta! Para que havemos de estar a escavar mais n'esse asqueroso acervo de immoralidades! N'este paiz a coisa está em um homem arranjar uma posição. Conseguindo isto pôde-se ser tratante á vontade; ninguém lhe pede contas!

Custa a dizer-se isto, mas é verdade!

Por ultimo cumpre-nos fazer engolir uma calumnia a certos traficantes que nos dizem despeitado na insistencia com que proligamos os escandalos d'essa companhia.

Se na brutalidade do sr. Thomaz Coelho para conosco hovesse alguma coisa que nos ma osse, as palavras á nós dirigida pelo

sr. dom Pedro II n'essa triste conjunctura, desaffrontaram-nos estalando da vitania do ministro.

Ellas foram proferidas em presença de muita gente, e citamol-as, não por desvanecimento proprio, mas por honra de quem é tão mal apreciado por aquelles mesmos que sómente lhe deviam respeito e consideração:

« Se entender que lhe posso servir para alguma coisa, sr. Carvalho, recorra a mim, recorra a mim, que eu sei que o sr. é um moço honesto e trabalhador. »

Ahi fica a mordaga para os traficantes.

Solicitamos a attenção dos nossos leitores para as seguintes judiciosas considerações:

« O principal direito do poder legislativo é o de fazer leis, que subam depois á sancção do monarcha.

« Direito que se exerce, tanto sobre propostas do governo, como sobre as que dimanam da iniciativa individual dos membros do parlamento.

« Mas quem ignora que esta ultima hypothese se evapora, quasi sempre, n'uma illusoria garantia e que falta habitualmente as camaras a energia para zelarem, como deviam, os direitos de cada um dos que a ellas pertencem, discutindo e apreciando os trabalhos de iniciativa particular, mórmente quando recaem sobre assumptos de interesse geral?

« Excepções se algumas ninharías locais e alguns negocios sobre os quaes não tenha vindo aos governos o comprometter-m-se a favor de uma opinião definida, e contem-se a projectos importantes que, sahidos da carteira do deputado ou do senador, tenham chegado á mesa do conselho de Estado.

« O direito de interpellação é uma das mais preciosas faculdades do parlamento. E' a fiscalização constante, a sentinella permanente do cumprimento da lei; a recompensa de bons serviços e o freio de iniquidades.

« E que acontece frequentemente? Vem um deputado e interpe'la o ministro. O caso é difficil! A defeza ha de custar, se não for impossível. Muito bem; não se responde. O queixoso renova tres, quatro, cinco vezes a embaraçosa pergunta, e a maioria descendente renova outras tantas um adiamento que é sempre a negação de um direito.

« Não luta o poder executivo com menores contrariedades no exercicio de suas legitimas funcções, nem menos vezes abdicia de algumas d'estas com prejuizo publico.

« Transfere ou demitte o governo um funcionario, que está d'entro das attribuições do poder executivo demittir ou mudar. Rompa a celebração da Era o acto talvez conveniente e moral. Embora. Redenominam em torno do carrasco os parentes da victimia, até graú desconhecido no código civil, e o anjo da amnistia apaga com as pontas das azas a assignatura que legalizara a fatal, mas honesta sentença.

« Quer o governo prover um lugar, ou resiste ao pedido de qualquer demissão, solicita por terceiro? Sobre o uso de seu direito accumula-se tal pressão, que o ministro dobra-se ou quebra, quebrando com elle o direito e a moralidade.

« Tumultua á ignorancia, explorada pela politica, ermando a insurreição contra o dominio da lei.

Responde o governo á força com a força ou uso de incontestavel direito, depois de esgotados os outros recursos? Nem sempre. Tuteando entre o dever e a responsabilidade; não aciendo por ventura na consciencia a base do necessario rigor, vacilla, estremece, informa-se e contemporiza, sendo talvez necessario ir depois mais longe, do que podera, se um energico e opportuno exercicio de seu direito constitucional tivesse atacado na origem o transtorno da ordem publica.

« D'esta unanime indifferença pelos direitos do governo e camaras nasce um tristissimo resultado. O governo, olhando só para os outros e não olhando para si, julga poder assumir diante do parlamento uma quasi attitudde de superioridade; o parlamento, vendo no governo a maleabilidade, de que já por vezes tirou beneficio, acostuma-se a acreditar que os ministros devem ser chancellia de empenhos ou boecia de recommendações.

« Tem o paiz o direito...

« Adiante. Quem falla n'isso?

« O prior é que, por uma logica inexoravel, aonde falta a noção do direito, anda igualmente em falta o sentimento da responsabilidade.

« Serio a bem serio deve elle ser, quando seriamente comprehendido.

« Mas a verdade é que de responsabilidades ninguém cura, porque a ninguém se tornam effectivas.

« Cada um faz, geralmente, o que quer.

« O ponto está em que haja audacia para fazel-o e algum vestigio de força para o sustentar.

« Por exemplo:

« Manda um ministro pagar sete annos de ordenados a quem não serviu, por ter sido desligado da competente repartição. Já foi reparada essa extorsão ao thesouro do Estado? Já se pediu a responsabilidade d'esse inaudito successo?

« A Bruxellas! A Bruxellas! E o passado, passado!

« E quando se despreza assim a responsabilidade legal, a que assenta em cousas tangiveis, o que succederá com essa outra que vive nas regiões do mundo moral? Que não entra nos códigos, porque não sae das consciencias? Que não sae das consciencias, porque nem tudo arromba o metal e a pedra?

« Que sentimento de responsabilidade accompanha o agitador, que, a troco de alguns reaes, submerge na desordem a vida laboriosa de seus concidadãos?

« Que sentimento de responsabilidade influencia nas phalanges cerradas de eleitores, que envernizam com um diploma alguma carunchosa podridão?

« Que sentimento de responsabilidade onera os que despedaçam os idolos da vespera, para alimento do fogo em que arde o incenso aos triumphadores da ultima hora?

« Que sentimento de responsabilidade impera no indifferente, que entre dous boz-fos, lança a vista, spathica e distrahida, para o veio de agua que leva á costa o desvariorado baixel da causa publica?

« Que sentimento de responsabilidade aconselha o voto do deputado que limpa com a dignidade os pés dos eleitores, ou que traz no diploma o vinculo das cedulas?

« Que sentimento de responsabilidade opprime o funcionario publico nas mãos de quem os negocios ficam sempre em processos pendentes?

« Que sentimento de responsabilidade experimenta o militar que semeia a indisciplina nas tarimhas dos quartéis?

« E que sentimento de responsabilidade tem uma nação que, no seu desapego profundo ao que de perto lhe deve tocar, se contenta com o sorrir á carencia de todas estas responsabilidades?

« Essa carencia não forma ainda o typo completo da nossa sociedade, mas alastra-se tanto sobre a politica e sobre a administração, que a existencia da nodosa será problematica sómente para quem escuta e não ouve; para quem olha e não vê.

« Do que dito fica deriva esta natural consequencia:

« O paiz não tem vontade propria.

« A recordação do que se acaba de passar, no curto espaço de sete mezes, dá inequivoca prova d'esta deploravel propozição.

## NOTICIARIO

Observações feitas no imperial observatorio astronomico a 13 de outubro de 1878.

Horas	Th. Cent.	Th. Fáb.	Bar. a O. P. de A.
7 m.	20,3	68,54	758,982
10 m.	21,0	71,60	759,294
1 t.	20,5	68,90	759,014
4 t.	20,4	68,72	758,344

Céu limpo e azulado com ligeiros cirrus dispersos pelo alto. Serras e montes levemente nevoados e horizonte limpo. Soprou NO regular pela manhã e SSO fresco a tarde.

Aperte nos Estados Unidos.—Do Siglo de Montevideo. extrahimos o seguinte:

Até 6 de setembro o numero de fallecimentos ascendia a 3.003, dos quaes 1.438 em New Orleans, 893 em Memphis, 397 em Wickburg, 202 em Granada, 65 em Porto-Gilson e o resto em outras localidades.

Esta mortalidade corresponde a 30.000 affectados.

Em Memphis de tal maneira se aterrorisaram os coiveiros que regaram-se ao preenchimento de seu lugubre dever e enquanto se procurava quem os substituisse tractou-se de queimar os cadaveres.

Desta vez a epidemia offerece particularidade de accommetter de preferencia as creanças de 1 a 7 annos.

Em New-Orleans foram julgadas inuteis as fumegações de acido carbonico e enchofre.

Em Shason, prosegue o mesmo jornal, hora depois de se haverem manifestado os primeiros casos, a população que era de cerca de 2.000 almas abandonou precipitadamente os seus lares, ficando somente um centenario dos mais corajosos ou falta de meios para mudar-se da localidade.

Tão elevada era ali a temperatura que a carne fresca enegrecia e entrava em decomposição duas horas depois de exposta a ar.

Jornaes de hontem.—Gazeta de Notícias.—Dedica o seu pequeno editorial á pristo policial da srta. Bemvinda Maria da Conceição—retrida á ordem de seu marido.

Se as cousas são como o collega pinta, não abonam muito, por certo, a nossa policia. Esperemos que ella se explique. Noticiario, tribunaes, publicações a pedido, e a *Semana*, folhetim de Ferreira de Menezes.

Jornal do Commercio.—No seu editorial sob titulo *Fabrica de ferro de S. João de Ipanema*, faz algumas considerações muito aproveitaveis sobre o desinvolvimento e cortissima prosperidade d'este importante estabelecimento. Pu-

V

RESGATE

Eis-me livre, qual ave nos espaços! Quebrei os elos da fatal cadeia! Da velha taça, de amarguras cheia, Restam sómente os humidos pedaços.

Trazia a face triste, os olhos baços, Do continuo pensar na mesma ideia; E a morte, que na orgia entre nós ceia, Já me estendia os carcomidos braços.

Andava como a trepula andorinha Em torno da maleica serpente, E nem vergonha das injurias tinha!

Mas do resgate a aurora resplendente Raiára emfim. Adeus, senhora minha! Surge da lama o trovador plangente.

JOÃO PENHA.

VI

A MESA DO CHÁ

Tinhas um ar de santa:—olhar quieto, Pallido o rosto, confrangido o seio Onde o suspiro se extinguiu em meio Sem d'ix r perceber o nosso affecto.

Era á hora do chá. Eu, de indiscreto, Quero mudar-te a paz em vivo enleio, E deixo-me atrainhr por teu receio, Como por fresca flor lubrico insecto.

Que os nossos pés se tocam denuncia Do teu vestido a séda que farfallha Como agitada pela ventania;

E por baixo da nitida toalha, Comprimo a tua mão nervosa e fria, Pois que por mãos e pés amor trabalha.

PATROCÍNIO & ARTHUR.

VII

A LÇA

(A Theophilo Dias)

Porta! hoje o cantar o cóllo n' da amante Não diz co'a evolução do seculo gigante!

ACACIO ANTUNES.

X

O PROBLEMA DOS ASTROS

(A Arthur Barreiros)

Meus mais doces momentos, Leonor, São quando fíto o céo que tu me d'este E do qual meus deus tu me fizeste, Mas um deus com principio em teu amor.

Sei dos astros o numero de côr; Dito as leis do meu solio que se veste D'aquella mesma tinta azul celeste; E—escrevo—me orgulho de senhor.

Porém, meu coração quando, perdido, Astronomo do amor—embevecido, Estuda-o,—na sciencia acha uns abrolhos,

Pois n'elle ha dois planetas tão brilhantes Que o allucinam, que o cegam, deslumbrantes... E são esses planetas os teus olhos!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

XI

A FLOR DO CACTUS

—Scena no oasis—

Muda, o olhar sombrio, A mãe balança a rede, Onde succumbu á sede O pequenino filho;

E chora... E' sem auxilio N'esse areal que mede Com a vista que despede, Como a buscar um trilho.

N'isso o olhar alcança Um cactus se abrindo No sólo abraçador,

E a mãe c'ine sorrindo A vida da creança Nos seios de uma flor.

MARIO.